PARIS

Um quase Amor Adolescente

Parte I

Para começar a contar sobre, tenho de retroceder no tempo para o ano de 2017, no colégio que estudava, estava com 16 anos e no primeiro ano do ensino médio, e em um desses dias normais que a gente nem percebe que viveu, provavelmente nos meados do ano, estava a andar pelo corredor principal do pátio, em direção a porta de saída, até que ouço uma voz dizendo "Danilo, tem uma pessoa que quer te ver aqui", quem dissera a frase era uma conhecida minha que já havia estudado comigo um ou dois anos antes, Atahga[1] era seu nome, na verdade, na hora da chamada na sala de aula os professores clamavam por "Elma", mas, ela era quem respondia, pelo que parece não gostara do nome que os pais a deram e inventara um novo. Enfim, chegando perto dela, percebi que estava acompanha de mais algumas pessoas, dentre as quais a pessoal que segundo Atahga queria me ver, era uma garota, provavelmente da mesma minha idade, tinha um ar agradável e me parecia achar tudo aquilo uma grande terça-feira, mais um dia normal, uma ida ao supermercado; com relação a sua aparecia, não seria justo eu aqui fazer rodeis: ela era notadamente bem bonita, linda… se tu, leitor, a visses, concordaria imediatamente comigo, se queres comparação, ficarei ti devendo, pois, não me vem nada na cabeça que faça jus a beleza da garota, acrescento ainda que ela tinha uns cabelos negros como ébano,

[1] Usarei nomes fictícios ou adaptados, devo ter esse cuidado como medida de precaução. Isso não afeta a narrativa.

cacheados como as ondas quentes do mar atlântico, bem volumosos, característica a qual mais me chamava atenção, devo dizer ainda que tamanha e bonita cabeleira a dava um aspecto de credibilidade e confiança que pairava no ar ao seu redor, ar esse, que, pelo menos para mim, se tornava rarefeito, fazendo o simples ato de respira em sua presença uma tarefa hercúlia, de fato, ela tinha a chamada beleza real e aqui a dubiedade e de propósito, intenda-se real de realidade e também ou até mais real de realeza, tal figura me lembrava a Europa… talvez tivera sido por toda a confiança que ela passava, assim como os europeus descobrindo as Américas e olhando os índios com desdem. E é aqui que você entende o porquê do título do capítulo "PARIS", a cidade-luz, a mais bela da Europa, capital da moda, da gastronomia e da arte, berço da intelectualidade contemporânea, nada mais justo, com efeito, é assim que a chamarei daqui em diante, Paris. (P. S. Mais tarde eu viria a chamá-la eventualmente de Vênus, deusa romana da beleza e amor. Só que dessa vez diretamente.)

Fato é que, após feitas as devidas apresentações, (quando eu digo apresentações quero que imagine nessa situação duas pessoas, eu, completamente tímido, mas creio que não transparecendo tanta insegurança, e ela completamente natural, como dizem no agora: plena, até porque, como eu dissera, para ela isso era uma terça-feira) ela me passou o seu número de telefone para que eu a chamasse para conversar, fizera isso escrevendo os dígitos na palma da minha mão, (não sei se se tratava de uma brincadeira, uma piada ou uma aposta, enfim, aquilo não me parecia natural e espontâneo) após, segui para casa. Contudo, é aqui que minha memória já me falha um pouco, não recordo se transcrevi o número para uma folha de papel, ou se fui com ele escrito na mão até em casa, o que me recordo é de ter chegado e quando fui registrar o contato no celular perceber que faltava um número, o último dos oito dígitos, bem, agora que organizo as memórias me faz mais sentido acreditar

que não havia transcrevido o número, até porque no papel ele não apagaria assim tão fácil. Entretanto, mesmo faltando um número eu prossegui para colocar o contato no celular, e graças a lógica, que em grande parte do tempo não me falta, após tentar algumas combinações obtive êxito e enfim apareceu o registro no aparelho.

Conversas, conversas, conversas e conversas, nada muito rebuscado, foram daquele tipo o qual se tenta conhecer melhor a pessoal para se formar uma opinião sobre ela (a minha sobre Paris se formara nítida e clara na minha cabeça, ela era inteligente, agradabilíssima, tinha grande consciência das coisas que a cercavam, o tipo ideal de pessoal a qual você não se incomodaria de passar um dia inteiro conversando ou apenas se deixar estar na presença dela olhando para o nada), mas eu, hoje em dia, teria vergonha alheia própria da minha parte dos diálogos se voltasse a ver as minhas falas nessas interações, com certeza o Danilo daquela época não sabia levar uma conversa razoavelmente aconchegante sem findar na monotonia e na chatice.

Todavia o tempo passou, poucos dias desde o primeiro contato no colégio, talvez uma semana ou duas, ou ate no dia seguinte, eu passei a procurá-la em um ou outro intervalo entre as aulas para conversar pessoalmente, mas eu não sábia onde era a sala dela, devo confessar que até aquele dia em que ela anotou o número em minha mão, eu nunca a havia se quer visto no colégio, tenho certeza que por desleixo meu, eu não gostava de ficar cruzando olhares no pátio do colégio, para mim aquilo era só uma passagem e não lugar para reconhecer pessoa e fazer amigos, enfim, erro meu, crucifique-me, leitor. Fato é que, eu não queria perguntar a ela porque não queria parecer desatento ao que acontecia, minha solução foi mais uma vez recorrer a lógica: como na primeira vez que a vi, ela estava mais próxima do primeiro pavilhão do

colégio, então provavelmente a sala dela também se encontrava por ali. Pois bem, dito e não feito, para minha frustração e falha da lógica, após uma rápida, silenciosa, pequena e discreta investigação nas salas suspeitas, percebi que estava errado, pelo menos agora eu sábia que ali ela não ficava.

Eventualmente eu descobri a bendita sala (como se fosse um grande mistério, Einstein), era, para a surpresa do leitor, e minha na época também, exatamente do lado da minha, parede com parede. Não sei se conversamos dentro ou fora da sala, ou nem se quer se conversamos, talvez dessa primeira vez nos apenas tivesse-nos cumprimentado ou algo assim. O tempo passou e pelo que posso repuxar da minha jovem memória, algumas das vezes no colégio eu estive a estar sentado e conversando ao lado dela na sala onde ela tinha aula e outra vez no corredor, e outra vez na porta da sala, e outra vez no curto caminho que tínhamos em comum cada qual para suas casas, nesse caso houve dia que eu ousei acompanhá-la mais que o eventual, comentando que a levaria até em casa, (testes que a gente faz para saber até onde vai a nossa sorte) já ela, por sua vez, dizendo que o vosso pai arrancar-me-ia o fígado caso isso acontecesse, após tal aviso despi-me da ambição, a deixei seguir sozinha. Todas essas situações foram acompanhadas por tentativas de engrenar uma conversa natural aqui e outra ali, algumas das vezes conseguindo, mas em outras falhando miseravelmente, (um dos temas das nossas conversas era o meu cabelo, eu era jovem, um adolescente ainda tentando encontrar o seu estilo próprio, meu cabelo não era liso naturalmente, porém eu o alisava e penteava todo para trás, como ele já estava bastante volumoso, havia quase um ano que o não aparava, na parte alta se formava um topete avantajado, era bonito? Você me pergunta. Na época eu achava, mas hoje não me apetece mais. Fato é que Paris me revelara que já houvera até tirado foto dele escondida antes mesmo de me conhecer, talvez pela excentricidade, ou bizarrice?

Talvez, mas não quis tirar essa dúvida a época) vale aqui dizer também, que foi na ocasião já mencionada do corredor que nos tiramos a nossa única foto
juntos, quando digo tiramos, falo: ela pegou meu celular e tirou uma *self* nossa. Dito isso, já podes deduzir o grau de minha torpeza nessa época, contudo, não exageres, pois somente na presença de Paris é que meu grau de habilidades sócias chegava a números ínfimos, provas disso foram as minhas eleições para líder de turna e ocasionalmente para vice-presidente do colegiado momentos os quais tive de ser deveras habilidoso socialmente com os meus pares, o que quero dizer é que o amor deixa algumas pessoas cegas, mas no meu caso ele me deixava um asno.

As folhas do calendário caíram. Creio que já se eram os últimos meses do ano. Após esse período, já nutria uma certa confiança quanto do contato com Paris, todavia, não queria findar a cometer um mesmo erro do passado, erro o qual não cabe aqui comentar, o título do capítulo é "PARIS" então vamos ser fiéis a ele. Fato é que decidi dizer-lhe o que sentia.

Prepara-te para julgar-me, nobre leitor, pois motivos tu terás; fiz a revelação não pessoalmente, como qualquer indivíduo sensato faria, mas sim por mensagem de texto à distância, não digo que fiz de propósito, mas digo que fiz sem pensar, não fico mais encabulo pois o único prejudicado por fazer isso foi eu mesmo e também porque não há pena pior do que a de si próprio. Passamos para a resposta de Paris.

Como já pudestes perceber, tenho uma veia saltada à escrita poética e romancista (se não, lê novamente a descrição que fiz da garota no início do capítulo), entretanto, dessa vez terei de ser assertivo e pragmático, pois se trata de palavras não proferidas por mim e que, sendo sincero, só me lembro da mensagem central, mas não dos porquês e explicações que preenchiam o discurso; *"não"* essa foi a resposta

que recebi ao revelar a ela minha ideia de querer ser-lhe mais que um mero amigo. Tenho certeza que ela deu-me alguns motivos, não sei se bons, ou esfarrapados, mas para fim de não me deixar levar pelo viés que tenho na cabeça, não ousarei cogitar quais foram as frases. O importante é que a passagem está contada, e agora sabeis que não obtive êxito em minha empreitada. Em incremento, digo ainda que após isso nos apenas nos afastamos, acho que sem rancores, até por que não haviam razões para isso, foi algo natural assim como o cair da noite em um dia de verão que traz consigo um frio inesperado, logo perdemos o contato.

Parte II

Estamos agora no ano de 2019, encontro-me no terceiro e último ano do ensino médio, passados já alguns meses desde o início do período letivo. Como podes perceber, foi-se algum tempo desde a Parte I que recém-acabastes de ler, nesse passar de dias o pobre narrador personagem que vós escreve aprendera algumas coisas, não muitas, mas algumas, até porque na vida de um jovem um curto espaço de tempo que seja, pode significar grande porcentagem de sua vida, por exemplo, para alguém que só viveu dezoito anos, o meu caso à época (tenho vinte nesse momento em que escrevo esse capítulo), dois anos significavam onze por cento de sua vida inteira, e quando você leva em conta que a vida consciente desse mesmo indivíduo é ainda menos anos do que a vida biológica, dois anos se tornam um período colossal onde constroem-se vidas inteiras com tempo de sobra para destruí-las.

Voltando-se às memórias, voltando-se à Paris, nesse ano de 2019 nós estudávamos na mesma sala, em todo o colégio, no turno vespertino só tinha uma

turma de terceiro ano, ou "terceirão" para relembrar da farda especial e do grande medo do futuro que esse momento representava, todavia, após todo o ocorrido da parte anterior, não me apetecia mais nem menos a presença dela, dessa vez na mesma sala, isso me fazia sentir outra coisa, não sei ao certo o que, mas sei que sentia algo, incluso a assa miscelânea de sentimentos indefinidos tem um fator o qual não posso omitir dessa equação por respeito à narrativa e a veracidade dos fatos: ela estava em um relacionamento, não acho válido nem necessário dar nome aos bois nesse momento, até porque, assim como não nomeei a garota para preservar-lhe a identidade, agora sou guiado a fazer o mesmo com todos aqueles que aqui forem citados, portanto, chamemo-lo de Gado, ou talvez Bovino, qui tal? Não, melhor Gado, uma palavra simples e sem relevância assim como o indivíduo que agora passa a estampá-la na testa. Leitor querido, não me lances injustas conjecturas, eu não tinha nada contra esse ser, em outra situação poderíamos até ter sido amigos, não sei, contudo, o universo criou essa combinação vilanesca de fazer cruzar-se os destinos destas três figuras; uma jovem outrora cobiçada por mim, do pobre Gado que tiveras a maior e única sorte da vida, que foi tê-la conhecido em circunstâncias de tempo, clima, pressão barométrica, velocidade do vento, temperatura ambiente, densidade, grau de luminosidade, elasticidade, números de átomos e estado psíquico, que a fizeram dizer *"sim"*, uma verdadeira sorte, e eu, que, por justiça à ombridade não pude, nem poderia deixar de odiar com todos os meus átomos o sortudo que não fora eu.

Creio que nos primeiros meses daquele ano, a minha interação com Paris não passava de um "boa tarde", uma balança de cabeça, como quando alguém cumprimenta um conhecido só de vista na rua por obrigação moral e não querer

passar por mal educado, talvez uma ou outra conversa a respeito dos estudos e atividades, afinal estávamos a maior parte do tempo em uma sala de aula, não excluirei a possibilidade de eventual tivéssemos enveredado por uma conversa mais assemelhada às da Parte I, mas se houvera, fora exceção.

Aula, estudo, ENEM, vestibular. Essa foi a deixa para o "acaso" nos aproximar novamente, por eventualidade de uma dessas universidades particulares aparecer no colégio apresentando uma "oferta imperdível" uma "grande oportunidade", um curso preparatório/técnico/teórico/profissionalizante/pré-vestibular grátis (uma maravilha, só que não. Sempre duvide quando a esmola for grande, e no caso, era), enfim, ofereceram cinco ou seis vagas para serem distribuídas nas salas, a critério dos líderes de cada turma com o auxílio dos professores, e no caso da minha, o encarregado era eu, como podes imaginar, leitor esperto, uma das vagas já tinha dona; Paris, primeiro porque ela era sim uma das cinco melhores da sala e segundo porque era uma bela deixa para se criar assunto.

Dito e feito, após um ou outro dialogo sobre cursar ou não essa oportunidade nos voltamos a nos falar com uma boa frequência – mas para não deixar o assunto em aberto; o curso não era nem nunca fora grátis, a manobra da universidade era apresentar o curso como custo zero na matrícula, porém, cobrar para a aquisição do material de estudo, fora as passagens que o aluno que se virasse, enfim uma grandessíssima furada, tenho quase certeza que ninguém da minha sala foi.

Pois bem, agora já com as conversas em dia, nossa amizade voltara a se fortalecer como uma árvore que após o frio e escuro outono se prepara para voltar ao seu total esplendor que se constitui no auge da quente e luminosa primavera, é bom pontuar aqui a maneira a qual nossa interação se dava, até para situar melhor a narrativa; internet, essa coisa as vezes maravilhosa, as vezes desastrosa, erá o meio o

qual tínhamos mais contato, possuo uma tese a respeito do porquê disso ser de tal forma; por mais que eu quisesse o Gado não se desmaterializava ou pegava fogo na sala quando eu desejava, pelo contrário, tinha certa regularidade na frequência, então como podes imaginar, não era certo ela abandonar o Gado na sala, e até pelo fato de o próprio comportar-se como um carrapato/sanguessuga que se prende a pessoa e não a largar a não ser em caso de morte, pois aquilo se tornou seu único meio de vida miserável, ela ficava perto dele.

Todavia, quando não se tinha a presença do Gado, por vezes ela sentava perto de mim, de fato não eram todas as vezes, mas quantidades suficientes para eu poder dizer que oitenta por cento das vezes que o sanguessuga não ia, ela sentava ao meu lado. Nessas ocasiões o assunto de nossas conversas era, entre outros, o futuro do pessoal da sala, ela não depositava muita fé na maioria da sala, para ela, e disso eu lembro bem, ali estava *"A nova geração de feirantes da cidade"*, não creio que se fazia por mal, isso não era nada mais, nada menos, que um fato presumido pelo próprio desempenho observável daqueles colegas, muito provavelmente aquela galera não teria um brilhante futuro acadêmico. Eu por achar válido concordava com o que ela dizia, mas claro fazendo as devidas ressalvas a respeito da comparação com os feirantes.

Em adição, ponha nessa equação em que o resultado era ela estar perto de mim na sala quando o Gado não estava, o fato de o grupo de amigos que eu fazia parte ser um dos melhores da sala, sem falsa modéstia aqui, com relação a tolerância, maturidade, compromisso, senso de companheirismo e fraternidade o nosso grupo era sem dúvidas o mais desenvolvido. Com efeito, Paris se encaixava melhor ali, até porque os outros grupos eram compostos por barraqueiras, irresponsáveis, brigões e intolerantes entre outros tipos bem conhecidos de qualquer pessoa que já foi aluno

pelo menos uma vez na vida.

Já que falamos em grupos na sala, tenho uma conjectura anedótica que queria compartilhar; a sala de aula é um grande continente, onde os grupos de alunos são os impérios que buscam durante o ano poder e influência, que nessas circunstâncias são medidos pelo quantitativo de alunos/guerreiros que possui o grupo/império e como eles vão na prova, ou seja, o grupo que possui mais pessoas ao final do ano é aquele mais poderoso e influente, não obstante é através dessa dinâmica que os grupos se alteram durante o ano, os guerreiros/alunos vão se acomodando no grupo em que melhor se encaixam, e se bem recebidos permanecem e até trazem outros consigo. Nosso grupo, se não o maior era o segundo maior de quatro que compunham a sala. Deixemos de lado as conjecturas que não levam a lugar nenhum.

Na minha memória existem diversas passagens que quero contar sobre Paris, mas infelizmente não me recordo com exatidão a ordem cronológica de cada uma, então, se me perdoas, leitor, irei colocá-las em ordem que me fizer mais sentido, creio que não prejudicará gravemente as memórias.

Textos "Filosóficos"

Com efeito, teve uma vez que creio eu ter sido o momento o qual ela de fato passou a me conhecer de verdade, haja vista que as conversas anteriores, como já dito , foram daquelas que se faz para formar uma opinião, não para conhecer, digo isso porque você pode passar horas a fio trocando verbos com alguém e mesmo assim ainda não a conhecer, eu baseio essa assertiva no fato de que a depender da pessoa do assunto e das circunstâncias o locutor e o interlocutor não fazem nada mais que o papel de fone e alto-falante, veja bem; se falas do tempo, do clima, das horas, das

pessoas… Concorde comigo que isso não se passa de descrever a realidade, é como se estivesse a ouvir uma discrição audiovisual do mundo ao redor, ou seja, nada que já não fosse capaz de conhecer e isso não diz nada a respeito de quem fala, mas sim do que se fala. Por outro lado, quando a conversa se volta para o interior dos participantes é que de fato se pode conhecer tais personagens, quando os verbos versão sobre as ambições, os planejamentos para o futuro, os pensamentos abstratos e as miudezas das observações, o interior da pessoa é revela junto a sua psique seu ego, o que afim é o que importa.

Em face disso, o momento o qual creio que foi revelado a minha psique, foi quando lhe mostrei um dos meus textos filosóficos que fazia na época, não me recordo qual, mas no final ela acabou por ler todos e o mais importante, gostara e entendera, pelo fato de ser textos filosóficos, a olhos estranhos e cabeças rasas eles poderiam parecer pouco interessantes, “chatos” para se falar o português correto. Entretanto ela se interessara tanto que quisera ler em casa, foi nessa ocasião que lhe enviei todos ou entreguei os impressos que tinha a mão, o resultado disso foi perceber que Paris pensava exatamente igual a mim sobre diversos assuntos, desde economia, política a filosofia.

Não ponho aqui os textos para não estender a narrativa, colocarei apenas os títulos para matar a curiosidade do leitor mais encabulado. Cabe a observação de que não são textos complexos, são apenas conjecturas, aforismos, afinal não sou filósofo (apesar de ter pensado em ser):

I. Romanizações Indesejadas

II. A Verdade do Amor

III. Egos e Redes “Sociais”

IV. Demonstrar ou Não

V. A Melancolia de Um Dia de Chuva

VI. Relações Humanas

VII. ~~Questão do Suicídio~~

VIII. ~~Como Sair da Caverna de Platão?~~

IX. Ética e Moral

X. Solidão

XI. Rejeição no "Amor"

XII. Relação Corpo e Mente
XIII. A Existência Passageira

XIV. ~~O Poder do "Não Querer"~~

XV. ~~A hipocrisia da Igreja~~

Soberano

Foi após ela ter lido esses textos que ela passou a chamar-me de *"soberano"*. Uma clara brincadeira com relação a natureza dos textos, mas diga-se de passagem que até o mais humilde dos humildes, após chamado algumas vezes de soberano, começará a questionar sua humildade. Enfim, eu não aceitava esse rotulo, sempre pedia que não me chamasse de tal forma, algumas das vezes ela atendia, outras não. Tentei-a chamar de soberana, mas não pegou.

Eu do Mal

Em algum desses dias no colégio eu tinha de fazer uma avaliação de matemática (nunca fui fã de tal matéria, mas por obrigação tinha de me dedicar a ela), na verdade era a segunda chamada. Todavia, Paris também teria de fazer tal atividade. Recorde-me de ela ter combinado comigo para fazer em dupla, mas por alguma razão

não foi possível, provavelmente por alguma desatenção minha. Fato é que depois disso ela comentou algumas vezes sobre o meu *"eu do mal",* como se eu tivesse esquecido de fazer a dupla com ela propositalmente, ou seja, o meu eu do mal teria tomado as rédeas da situação e construído a situação a qual ela não se desse bem, fazendo a avaliação sozinha, o que não foi o caso. Claro, tudo com um ar de brincadeira, mas que no fundo era perceptível que de fato ela pensava algo desse tipo sobre a minha persona, talvez ela pensasse que eu tinha ciúmes dela e por isso não a ajudava da maneira que podia, o que não deixa de ser verdade, me refiro a parte dos ciúmes. Não nego que algumas vezes, muito poucas, pouquíssimas, eu intervi ou deixei de intervi em uma ou outra situação para que as coisas saíssem como eu queria a despeito de outrem, nada de relevância que valha a pena contar aqui, digo apenas que existiram.

A Lasanha

Uma vez eu fiz duas lasanhas (sim eu sei cozinha de maneira razoavelmente satisfatória, quando as coisas não queimam) e postei fotos delas para que meus contatos vissem. Como de praxe, Paris viu a publicação e veio me pedir para que levasse um pedaço a ela no colégio no dia seguinte, segunda feira, não a culpo, a lasanha estava muito boa e melhor ainda se aparentava nas fotos, qualquer um faria o mesmo pedido, com efeito, outra pessoa também fez (não cabe aqui comentar), até tu que me lês pedir-me-ia uma fatia. Como quem dissimula uma festa surpresa, eu a disse que *não levaria* lasanha alguma, mas já mandava avisar ao povo aqui de casa que separassem um pedaço pois eu precisaria, ou seja, levaria, mas como surpresa para Paris (não me pergunte porquês). Todavia essa decisão implicava em diversos problemas logísticos, pois eu sairia de casa as sete horas para ir ao estágio e de lá iria

ao colégio ao meio dia e nisso o pedaço dentro da mochila dentro de uma vasilha, impossível ele chegar com metade da boa aparência que tivera outrora. Pois bem, cheguei ao colégio, estava lá com o pedaço escondido na mochila como se fosse algo ilegal, preparado para dar a nossa amiga e pergunta-lhe que nota me daria pelas habilidades culinárias. Entretanto como o universo não está nem ai para ninguém, muito menos para um pedaço de lasanha, ele não ajudou e fizera com que a nossa querida amiga não estive ali, ela tinha faltado. (Antes disso houve ocasião semelhante, mas com um bolo de cenoura com cobertura de chocolate, nesse ocorrido não levei o bolo. E por isso mesmo agora queria fazer tal surpresa com a lasanha).

Quando mais tarde a contei desses bastidores, ela me dissera:

"Eu ia adivinha que você ia fazer surpresa, a minha motivação segunda feira era a lasanha, ai você ficou na brincadeira dizendo que não ia levar, que não sei o que. Não me deu certeza, ai eu peguei e nem fiz questão de ir... (pousa para risos) continuou… *se você me falasse eu estaria lá".*

Enfim, fica ai o aprendizado, o risco de se fazer surpresas é a surpresa surpreender você.

Deu-me vontade de transcrever isto aqui:

"... quando eu receber dinheiro eu faço o cuscuz, mesmo que a aula já tenha acabado a gente se junta, marca um dia e a gente vai comer. Eu tô ti devendo ir ao cinema, to ti devendo ir ao pastel. A gente tá precisando fazer um monte de coisa."

Tais palavras foram ditas por Paris na mesma ocasião dos últimos parênteses, e isso eu ponho aqui para exemplificar as ocasiões que nós "prometíamos" uns aos outros, mas nunca aconteciam. Essa lista só tendeu a crescer. (açaí, um cuscuz salgado que até hoje não sei o gosto, pizzaria, desfile…)

O Livro

Sempre fui uma pessoa de escrever, desde de poesias a contos (não muitos, alguns), nessa época não era diferente, estava a escrever um livro de ficção científica com o nome de Neo Adão & Eva, nele eu coloquei o nome de algumas personagens igual ao de alguns amigos meus, tentei ao máximo fazer compactuar a personalidade do personagem com a da pessoa minha amiga correspondente, creio que fiz um bom trabalho. Coloquei também o nome de Paris em uma personagem (o nome real, claro) que era amiga da protagonista. Antes mesmo de terminar o livro mencionado (não terminei ate hoje) compartilhei com Paris para saber o que ela achava, queria um feedback, haja vista que ela lera minhas "filosofias" e gostara. Entretanto, após passado algum tempo, para minha surpresa ela me disse que não lera. O motivo? Segundo ela:

"Li uma parte do seu livro, só que me fez passar raiva, eu não lembro por que eu passei raiva com seu livro não, só sei que tomei um ranço do seu livro que eu lhe xinguei todo, não tava entendendo porra nenhuma, acho que eu tava associando alguma coisa na realidade, acho que eu sou muito sentimental"

Bom, de fato essa era uma possibilidade, devida principalmente aos nomes dos personagens serem do jeito que eram. Contudo, não sei se ela chegou da parte da personagem dela. Cabe aqui também dizer que em tal livro se encontrava o Gado, eu o coloquei, e dentro da narrativa, logo o tirei por meio de um outro personagem com um golpe de capoeira que o deixou inconsciente (satisfações que só a literatura proporciona).

A Poesia

Para não perder a oportunidade do tema “o livro”, vou descortinar aqui uma passagem deveras curiosa, também relacionada a textos, e a depender do estado de espírito, até engraçada ou trágica, de fato não sei.

Como mencionado no título anterior, eu escrevia poesias. O meu tema preferido sempre foi os sentimentos, até porque eu não sou nenhum Castro Alves para escrever críticas sociais em forma de poesia, assim como O Navio Negreiro, por isso voltava-se para mim mesmo, algo mais intimista e pessoal, a poesia tem o poder de deixar eternizado algo que nem se quer é tangível, como o desejo, a ira, a incredulidade, o amor, entre outros sentimentos metafísicos e isso sempre me encantou bastante.

O importante é que eu escrevi uma poesia sobre uma pessoa, entretanto essa pessoa não era Paris, era uma outra garota (não aprofundarei mais sobre ela). Sou obrigado pela coerência a abrir um grande parêntese agora: (veja bem, leitor, eu tinha naquela época, o intendimento que existiam somente duas formas de se abordar a busca por pessoas: a primeira eu denominava de Sniper (atirador de precisão), ou seja, você economiza as suas energias, e entenda energias como todas as forças que compõem o seu ser, avalia minuciosamente todas as possibilidades e variantes possíveis antes de tentar algo com uma pessoa, uma coisa metódica, para que quando você de fato invista, seja na pessoa “certa” e as probabilidades de se receber um não sejam ínfimas; a segunda eu chamava de Atirador de Assalto, ou seja, você simplesmente atira para todos os lados com o objetivo de acertar através da tentativa e erro, e não pela assertividade, ganhar por volume. A pergunta é: qual das duas era a minha abordagem a época de Paris? Na parte I foi a Sniper (resultado: não deu certo), na parte II foi a Atirador de Assalto (resultado???). Pelo fato de estar usando esta

segunda forma de agir, eu tinha de investir em quantidade, por isso eu tinha feito essa poesia para essa garota que não era Paris. Enfim, acho que expliquei tudo. Feche-se o parente).

O que deve ser observado é que tal poesia não era simplesmente uma poesia, ela tinha um diferencial, possuía uma mensagem codificada dentro dos próprios versos, cuja a chave de decodificação era ler apenas a primeira letra de cada verso de cima para baixo, o resultado era o nome completo da garota alvo da escrita. Como já podes perceber, Paris de certa forma se interessava pelo que eu escrevia e dessa vez não foi diferente. Na sala de aula eu devo ter comentado algo sobre ter feito tal poesia ou testado com alguém pedindo para ler, para ver se percebiam algo no texto. Paris se prontificou a decifrar o enigma, leu, releu e leu novamente, não encontrou nada. Todavia, não desistiu, pediu-me para levar para casa que tentaria mais, insinuando que eu teria feito a poesia para ela, mas eu não disse que sim. Depois de muito ponderar, deixe que levasse, ou que tirasse uma foto da original, não lembro exatamente.

O impasse estava criado, e se ela visse o nome real? (eu sei que eramos apenas amigos, mas a leitora tem de entender-me, pois temos de deixar as portas abertas para novas possibilidades, mesmo que remotas). Era uma mensagem codificada, porém, com tentativas suficientes e tempo era possível decodificar, pensei, pensei e pensei, cheguei a uma conclusão: se ela encontrasse outro nome não procuraria o verdadeiro. Fui do colégio até em casa naquela tarde pensando em uma maneira de fazer isso, cheguei a um método, era uma forma de codificação reversa, eu circulei as letras que formavam o nome completo de Paris na poesia (parece estranho eu saber o nome completo das pessoas, eu sei, mas eu sempre gravei o nome completo dos meus amigos, é um hábito. É bem mais impactante quando você chama alguém pelo nome

completo as vezes, dá um ar de nobreza ou algo assim. Tente), após circular as letras eu identifiquei o verso, a palavra e a posição da letra dentro da palavra, atribuindo um número a cada uma dessas informações, tipo assim: V1, P2, L3 (verso um, palavra dois, letra três). Fiz isso com todo o nome e envie as chaves para ela.

Obtive êxito, ela encontrou o próprio nome, mas como um ditado popular já dizia "alegria de pobre dura pouco", passado pouco tempo ela descobriu o nome real da garota (mais uma passagem que exemplifica a inteligência de Paris), imagine ai a indignação, até porque, de certo ela realmente achava que a poesia era para ela. Todas as mulheres querem ser únicas e na mente delas verdadeiramente são. Após isso passei a eventualmente comentar uma coisa aqui outra ali sobre essa garota com ela, sempre é bom contar com uma visão feminina e afinal de contas eramos amigos e amigos conversam e pedem conselhos uns aos outros sobre tudo, todavia, passado algum tempo, comecei a perceber que Paris sutilmente e quase imperceptivelmente desviava o rumo da conversa quando eu enveredara a falar sobre a garota, tenho um porquê que diz porque isso ocorria, mas guardarei os porquês para mim.

Apenas uma pontuação que acho necessária: quando comentei com Paris que a tal garota era comprometida ela me disse de maneira humorada, risonha e sarcástica uma frase que ecoou bem longe na minha cabeça:

"Ele só quer os prêmios conquistados... Você é audacioso"

Tempos depois, numa ocasião onde disse-lhe novamente que queria mais que amizade e que vinha dando vários sinais disso (continue lendo que chegaras nessa parte, não quero adiantar a surpresa), ela me revelaria mais nitidamente a chateação daquele dia:

"Você não deu nada, você me deu naquele dia que você me iludiu falando que tinha escrito meu nome naquele seu verso e eu fiquei procurando parecendo uma

abestalhada. Me senti uma idiota quando eu achei o nome de verdade, ah, eu fiquei com tanta raiva, mas também eu achei mais porque tinha… acho que você escreveu uma parte do nome errado, de forma errada, e… depois quando eu olhei assim tava bem nítido o nome".

Falou com alegria no início da fala, mas foi ficando seria a medida que falava, pois percebia que não era o centro das atenções a todo momento. É esse tipo de sutileza que quem se preocupa demais, assim como eu pelas pequenas coisas, percebe, até mesmo nas pequenas frases é possível interpretar os metadados para o bem e para o mal.

A Conversa no Pátio

Paris logo no início da tarde no colégio dissera-me que queria conversar comigo, não me recordo o motivo, não me recordo se ela adiantara do que se tratava, fato é que, após a primeira aula ou após o intervalo… Não, recordo-me bem… Foi após o intervalo, ela reiterou o desejo da conversa, mas dessa vez foi a última. Quando estava já a entrar para a sala, Paris puxara-me pela mão e me levou até o pátio central do colégio, o lugar estava vazio, todos os alunos estavam em suas salas, apenas um ou outro funcionário perambulava eventualmente por ali, arrisco dizer que chegamos até a conversar com um deles, uma senhora ajudante de serviços gerais muito simpática que nos falou do filho e outros assuntos antes de se ocupar novamente com seus próprios afazeres, ainda lembro do clima; era final de primavera mas o calor e o sol do verão já se apresentavam de chinelo e bermuda prontos para a praia, todavia a sombra do meio da tarde amenizava a temperatura junto à briza leve que também desacanhava-se e nos vinha beijar o rosto de quando em quando. Sentamos para conversar em uma das mesas do lugar, um de frete para o outro. O assunto? O Gado. Raiva, ódio, creio que não senti isso, não sou uma pessoa

rancorosa, sei entender o lado das pessoas, mas as vezes queria que a recíproca também fosse verdadeira.

O que me fizera mudar meu estado de espírito com relação aquela situação foi o porquê do assunto ser o Gado, o relacionamento da garota estava em crise e pelo que me recordo, ela dissera-me que teria terminado o que os dois tinham e que só faltava comunicar a decisão ao outro indivíduo. Agora, com a *sinceridade* que um texto de memórias merece, terei de dizer que meu coração disparou, batia mais rápido que qualquer outra coisa que também bate. No palácio da minha mente estavam todos em festa, um verdadeiro carnaval se instalou no meu juízo, ouvi até o estalar da rolha de um champagne abrindo para comemorar. Entretanto, não movi um músculo da face para expressar sentimento de alegria, haja vista, que como dito antes, sei entender o lado das pessoas, ela merecia algo melhor, mas fosse como fosse ninguém fica feliz nessas situações e com ela não era diferente. Não convém gastar verbos aqui com as razões as quais a fizeram tomar essa decisão, apenas comento que eram de fato bastantes validas e concordei com todas elas, e isso é suficiente.

Conversa, conversa, conversa e conversa, passamos bom tempo fazendo papel de interlocutor e locutor um do outro. Admito que na maior parte do tempo fiz o papel de ouvinte, e entenda isso da maneira que eu entendo, o nome de ouvinte em uma conversação deve ser levado a sério, você deve ouvir e não como a maioria das pessoas fazem, apenas esperar o outro terminar para chegar a sua vez de falar, não, é fundamental a atenção. E uma dica para o leitor que gosta de dicas; enquanto em uma conversa, preste bem atenção as *palavras chaves*, se a pessoa falou o nome de alguém ou de algum lugar específico tente encaixar na sua fala seguinte essas palavras chaves, repita o que ela disse retomando o assunto ou concordando, isso dá a impressão que você está dentro do assunto e não apenas o ouvindo, o que de fato é o

caso se você estiver usando tal artifício, é apenas uma pontuação a mais (essas não são ideias minhas, mas sim de escritores de persuasão, pesquise-os). Com efeito, as pessoas sempre disseram-me que sou um ótimo ouvinte, creio que seja por isso, eu verdadeiramente ouço.

Passamos por vários assuntos, mas principalmente relacionamentos. Nesse tópico falamos dela, falamos de terceiros e falamos de mim. Quando o foco fora eu, Paris acabou por retornar a ditar um pensamento que me dissera antes sobre as minhas investidas amorosas, quando da vez que lhe mostrei uma poesia que fizera com o título de "Tolo Trouxa" (era ocasião de mais uma desilusão): *"Não, entenda: isso é uma loucura da sua cabeça, esqueça esse pensamento de ser trouxa, a partir do momento que você imagina que você é uma coisa, você acaba sendo, acaba se tornando. Isso é psicológico, não, não, não, eu odiei isso ai, eu odiei isso, então pare de falar que você é, você não é, foque no soberano que você é, foque no potencial que você tem. Entendeu? Só que você está direcionando seus sentimentos ao lugar errado, ao lugar errado... E como não está tendo retorno que você imagina, como você não teve o retorno que você imaginava, você acha que você é trouxa, mas você não é trouxa, você é uma pessoa normal. Tipo eu fico indignada sabe?".*

Disse isso quando terminara de ler a poesia. Mas na ocasião do pátio quando voltou a dizer algo semelhante mas sem muita robustez, muito por conta da chateação que vivia:

"Você está colocando seus sentimentos nas pessoas erradas"

Eu a respondi com demasiada astúcia:

"Estou olhando para a pessoa certa agora"

Disse-lhe eu fitando-lhe os olhos. A priori não me recorde do que Paris disse em seguida, não obstante, lembro que não foram nenhum dos extremos esperados,

mas talvez uma sutil compactuação, haja vista que não me repreendera por dizer tal coisa.

A conversa seguiu e acabou ela por revelar o que faria sobre o relacionamento, disse-me que conversaria com o Gado e terminaria tudo. Mas é importante pontuar que em momento algum disse que eu fazia parte dessa equação, em momento algum.

As aulas acabaram, nossos amigos trouxeram nossas mochilas que estavam na sala, e nós seguimos conversando, a coordenadora que viu aquela cena: nós tempos depois do final das aulas ainda sentados na mesa do pátio papeando, acabou por soltar esta pérola ou alguma aparentada com esta:

"Os pombinhos vão ficar até a noite é?"

(Foi algo desse tipo, tenho certeza que "pombinhos" ela dissera), como quem reconhece algo que acha louvável. Nós, por outro lado, achamos graça e rimos da situação.

Já agora à noite, decidimos, ela decidiu, que era hora de ir embora, até porque os alunos do turmo da noite já começavam a chegar. Logo no portão deparamo-nos com uma outra garota "amiga" nossa que estudava à noite, não sei se nos abraçamos ou não, tenho mais coisas pra dizer sobre ela, mas simplesmente não direi, fique na curiosidade, falamos três segundos ou dois verbos e continuamos a sair, Paris fizera um comentário a respeito do cabela da garota, que era muito curto e que provavelmente fora um corte químico, coisas de mulher.

Após isso, já fora, pediu-me que lhe acompanhasse ao supermercado ali perto, fui, compramos algo, talvez pão, não sei, não faz diferença e saímos. Andamos aquele pequeno trajeto que comentei anteriormente que tínhamos em comum para o caminho de casa de cada um. Entretanto paramos… Ela parou e eu compactuei, no meio do caminho e voltamos a conversar, dessa vez sentados na escadaria de uma casa no

passeio público sob o sereno da jovem noite que já iniciara, não falo da lua nem do tempo para não forçar a poesia, o que acabaria por fazê-la perder o propósito. Com efeito ela me relatou uma coisa, duas coisas, três, quatro, quarto, cozinha, sala, banheiro, quarto… Não aprofundarei sobre. Lá por volta das sete horas, sete horas e meia, terminamos essa seção de verbalização, cada um seguiu para sua casa.

Agora o leitor deve estar com o mesmo pensamento que eu estava no caminho de casa àquela noite:

"... . / ...- --- -.-. / -.. . ... -.-. --- -... .-. .. ..- / .. .. --- --..-- / ... .- .. -... .- / --.- ..- . / - . / .- -- --- / -.. . / --.- ..- .- .-.. --.- ..- . .-. / ..-. --- .-. -- .- --..-- / ... . / .-. . -.-. .--. .-. --- -.-. --- / -- . / . -. -.-. --- -. - .-. ."

Agora se não sabes qual foi o pensamento, releia a passagem novamente que saberás bem do que se tratava.

Todavia o que eu esperava não aconteceu, para a tristeza e desilusão do seu pobre narrador, ela de fato conversou com o Gado, mas não encerrou o que tinha de encerrar. Passaram os dias, creio que uma semana, fui indaga-lhe o que se passou, desculpas aqui, desculpas acolá, receios aqui, receios ali, pura enrolação, para não me diz o deveria dizer, meio chateado perguntei-lhe se a vossa decisão não vália de nada, haja vista que se um não quer, dois não são, Paris por sua vez não me deu resposta satisfatória a essa pergunta, não disse que terminou e nem que não terminou. Continuamos amigos. Enfim, recordo-me disso e a chateação vem me visitar novamente, esquecemos esse ocorrido, creio que a ideia central já foi passada: não ha como fazer um belo show se o palco nem se quer foi construído, os meios são necessários para os fins, ora.

Um Amigo Sábio

Essa passagem se deu já pro final do ano de 2019, lembro-me bem, ainda estavam ocorrendo aulas.

Meu ciclo de amizades nunca fora muito grande, na verdade sempre contei em uma mão as pessoas próximas a mim, no máximo se tinha eventualmente mais um ou dois além da contagem na mão, nunca além disso, até porque a minha definição de amigo, que cheguei tempos depois, era e ainda é esta: amigo é a pessoa a qual você não se incomodaria em chamar para um almoço num domingo na sua casa. Veja bem, não há lugar mais tranquilo a aconchegante do que a vossa casa em um domingo, você não quer confusão, você não quer discussão, você só quer ter a paz e tranquilidade que um domingo de descanso pede, e para isso você deve selecionar com exacerbada minúcia as pessoas que farão parte desse momento, logo, as únicas pessoas que sobram após essa análise são seus amigos de verdade.

Fato é, que dentre esses amigos se encontrava um que tinha uma perspicácia, uma astúcia, um sexto sentido de pegar, entender e interpretar as coisas sem ninguém dizer-lhe nada diretamente, impressionante. Se há um adjetivo que combina com essa persona este é; perspicaz, chamemo-lo de Norge.

Norge observava tudo ao seu redor, e ao redor de Norge estavam eu e Paris, ele via nossas interações, estudava na mesma sala e sentava próximo, salvo o engano, foi ele quem trouxe-nos a mochila no dia da conversa no pátio, e além disso, via também a interação de Paris com o Gado. Por certo, ele como observador imparcial e alheio a todos os sentimentos envolvidos, assim como o querido leitor que acompanha essa narrativa, fez uso da lógica magistralmente e tirou uma conclusão verdadeiramente digna dos filósofos:

"Paris tem o namorado perfeito, só que dividido em dois, você e o Gado". Vê

ai se não és a mais pura verdade. Na época eu concordei e ainda concordo, desenvolvemos mais, e de fato, não havia o que ponderar, a garota tinha um companheiro na conversa, na amizade, na cumplicidade, alguém pra compartilhar os problemas, ar reclamações constantes e as ambições que era eu e o outro indivíduo que era incapaz de fazer isso, ou seja, eu completava o que faltava e assim se constitua o namorado perfeito, o maldito namorado perfeito.

Bem-aventurados são aqueles que tem amigos, mais ainda aqueles que tem amigos sábios como Norge, pois eles mostrarão a verdade, mesmo que dolorida. Maldita verdade.

Quem Paga a Conta?

Como dito anteriormente, esse ano era o último do ensino médio, o que implicava a ocasião de se procurar um curso superior na universidade para quem tivesse essa vontade, o que era o meu caso e de Paris, por intermédio do ENEM. A valer, eu me preparei para essa prova porque de fato eu queria ter um curso superior, minha ambição e meu futuro pedia isso, Paris da mesma forma. Eu estava em dúvida sobre dois cursos, Filosofia ou Direito, ela não sábia o que queria, só sabia que queria algo que desse dinheiro. (jamais conheci pessoa tão indecisa quanto ela, não só com relação aos estudos, mas com relação a tudo. De cada 100 frases que dizia 20 eram "*eu não sei*", todavia não sei se dizia isso por não querer me contar as coisas ou por não saber mesmo, temos de ponderar todas as possibilidades.)

Fizemos a prova final do ensino médio, e fizemos a prova do Enem nos dias 3 e 10 de novembro, outros amigos também fizeram, agora só nos restava esperar pelo resultado, terminamos enfim o ensino médio também. Eu estava oficialmente desocupado (o estágio que fazia também acabou no final do ano).

Agora já estamos em 2020. Nesse ano no início do mês de janeiro eu fiz um pequeno mochilão passando por cinco estados do litoral nordestino; Sergipe, Alagoas, Pernambuco, paraíba e Rio Grande do Norte, não foi nada de mais, totalmente pé no chão, sem luxos, dormi em barraca nas praias das capitais dos Estados (Alagoas foi a mais bonita. Em Natal eu quase fui assaltado, e isso é tudo que direi sobre a viagem), era apenas uma viagem de autoconhecimento, e também eu estava aproveitando os últimos dias de paz que teria caso eu viesse a passar na universidade. (P. S. eu escrevi algumas cartas para pessoas importantes em minha vida para caso acontecesse algo comigo, elas recebessem, não revelarei o conteúdo de tais, ate porque não cabe aqui. E também não aconteceu nada comigo, então ninguém as recebeu, Paris estava na lista de envio).

Quando voltei, antes mesmo do final do mês de janeiro, eu queria contar tudo o que aconteceu a nossa amiga Paris. Durante a viagem eu mantive contato com ela, entretanto, pessoalmente a conversa fluiria bem melhor e eu poderia contar com a riqueza de detalhes que merecia tudo o que aconteceu e também tinha de entregar a lembrança que trouxe para ela. Convidei-a para sair, ir em algum lugar para comer alguma coisa, após certa relutância ela aceitou, não me recordo quem de nós definiu o local, muito provavelmente fora ela, se tratava de uma lanchonete, um lugar familiar e jovial, nada de mais.

No início da noite nos encontramos, na verdade, para não omitir fator que possa ser relevante, eu me atrasei, acho que não fora mais que cinco minutos, com efeito, quando cheguei ela já estava me esperando, pedimos… ela pediu por nós, eu não conhecia o lugar e não sabia o que era bom. Vale pontuar aqui, que no lugar, por coincidência, estavam um casal de conhecidos meus e de Paris, não quero pensar o

que se passou na cabeça daqueles dois, espero muito que nada, pois não era nada, minha vontade era que fosse, mas não era. Cumprimentei-os brevemente e segui para a messa, não sei se Paris fez o mesmo, mas ela, com certeza, os notou.

Após alguns lanches, algum tempo de dialogo, alguma mostragem de fotos, talvez algum riso? Uma interrupção por parte de mais uma pessoa conhecida, dessa vez apenas por parte dela, (P. S. Ela me dissera que queria fazer uma viagem semelhante a que fiz, mas sem rumo, disse-lhe que faria companhia se fosse o caso, contudo, isso não passou de um comentário jogado ao alento. Vale dizer também que eu sempre disse-lhe que algum dia faríamos uma viagem juntos num futuro não muito distante, cogitava um mochilão na Europa passando por Paris, a cidade. Talvez uma viagem para a Argentina. Comentários de quem tenta mostrar o que o futuro pode oferecer.) finalmente entreguei-lhe a lembrança, literalmente uma lembrança, um chaveirosinho que trouxe do Rio Grande do Norte com arte de areia típica do estado, ela gostou.

Veja bem, leitor, nessa ocasião a garota já estava ou estava começando a passar por relevantes problemas familiares (não comentaria mais que isso sobre esse tópico, tenho ética, mesmo sendo impossível identificar as pessoas desta memória, vou resguardá-las.), durante toda a conversa era facilmente perceptível a sua preocupação, em incremento, segundo ela, o bairro que mora estava, naquela noite, sofrendo com problemas de criminalidade, o que a fazia querer voltar logo para casa, a valer, Paris não estava presente naquele lugar, pelo menos não a sua consciência, essa estava longe, talvez, no máximo a sua audição estava sentada naquela mesa comigo.

Terminamos, eu paguei por nós, não por falta de dinheiro dela, ela era independente, mas sim por insistência minha, afinal sou um cavalheiro, ora. Segui

junto com ela parte do trajeto até sua casa, não foi muita coisa, passamos por uma ponte, conversamos, ela estava apresada, eu só queria que o tempo parasse. No final deste pequeno percurso, ela inventou de fazer graça pelo fato de eu ter pagado a conta, disse-me que paguei por que quis, eu então disse-lhe que a próxima ela pagava para mim.

PARTE III

Ponto de Inflexão

28 de janeiro, enfim recebemos o resultado da aplicação para a faculdade, eu consegui uma vaga no curso de Direito em uma cidade próxima a minha, por outro lado, Paris infelizmente não obtivera êxito, creio que principalmente pelo nervosismo na hora da prova, tenho certeza que ela ficou consideravelmente desconcentrada bem na hora H, até porque capacidade ela tinha muito bem de entrar em qualquer curso, bastava planejamento, inteligência tinha de sobra.

Perdão, leitor, acabei adiantando a narrativa. Observe, antes de nos recebermos o resultado a respeito da universidade, Paris comentou comigo que a situação familiar dela se agravara e que teria de sair de casa, iria para outra cidade, a capital do estado. (tinha uma segunda opção: ir para a capital do país, mas essa não vingou. Veja também, que o Gado era tão companheiro que ela nem queria que ele ficasse se quer sabendo do que se passava com ela, veja ai mais uma vez o maldito namorado perfeito.) Ela não estava nem um pouco contente com isso, estava irritadíssima, eu não pude deixar de notar eventualmente uma ou outra nota de choro no tom de sua

voz, ela não queria ir para outra cidade começar tudo de novo, imagine você ter de deixar a cidade em que nasceu e cresceu, onde aprendeu a viver, por motivos de força maior que estão fora do seu controle. Ponto. Foi nessa situação que aconteceu o que chamarei de *ponto de inflexão.*

Ponto de inflexão é um termo originalmente empregado no jargão da matemática que designa pontos onde a função muda de concavidade, ou seja, de ser "côncava para cima" para ser "côncava para baixo" ou vice-versa. Eles podem ser
encontrados determinando onde a derivada de segunda ordem muda de sinal. (blá, blá, blá.) Contudo, o significado que ponto de inflexão terá aqui, empregado por mim, é aquele mesmo que Flávio Augusto, empresário investidor e escritor bilionário brasileiro empregou em seu livro denominado também Ponto de Inflexão, livro o qual ele conta as decisões que o levaram a ser o que ele é hoje, ou seja: ponto de inflexão é o momento que tomamos decisões *especiais*. Decisões que têm o poder de mudar o rumo do roteiro de nossa vida para o bem e para o mal.

Quando Paris já estava organizando a partida, na ocasião estava esperando o carro da mudança para levar os moveis, pois a mão já estava na outra cidade, ela me fez um convite para eu ir junto com ela à capital, (mais uma vez o carnaval no palácio da minha mente se acendeu, tocavam música alta, dançavam, davam piruetas no ar, e mais uma vez ouvi o estalar do champagne de comemoração) no entanto, eu tinha um empecilho; a universidade que cobiçava, não havia como frequentá-la morando na capital, mas ainda era possível trocar de opção. Seja como for, transcrevo o convite proferido por Paris na ocasião:

"Danilo, mas qualquer coisa você muda [de universidade]*, bota para a capital, e ai você vai ficar lá comigo. Trabalha esses três meses* [ela tinha esperanças de ficar mais esse tempo na cidade a depender do trabalho dela], *ai quando eu for, você vai comigo, ai você procura trabalho e tal, se não der certo você volta".*

Se meu coração fosse mais forte do que meu cérebro, com certeza, eu teria aceitado sem titubear um segundo se quer, mas como não era o caso, e eu ainda tinha a "lógica" me guiando, eu argumentei que não era uma ideia completamente boa, apesar de eu querer muito, pois, já seria uma tarefa árdua ajeitar a vida em uma cidade nova, e com uma boca a mais para alimentar, no caso eu, seria uma dificuldade maior ainda, haja vista que eu não tinha dinheiro suficiente para ajudar nas despesas da casa e em artigos de necessidade (antes ou depois disso ofereci-lhe a estada em minha casa também, ela não aceitou). Paris, por sua vez, contra argumentou:

"É realmente, para quem está recomeçando, tipo eu e minha mãe, vai ser mais complicado. Mas tipo assim, você junta um dinheiro, olha as possibilidades, e ai, caso a gente se estabilize la, você sabe que você tem uma casa para você ir".

Meu coração esquentou, assim como o sol do verão mais uma vez pronto para ir para a praia, de chinelos e bermuda. (o povo do palácio continuou a beber o champagne, dessa vez levantando o dedinho quando a taça ia à boca, pois sabiam que o convite era real). Agradeci-lhe a consideração e disse lhe que a recíproca era verdadeiríssima. Paris seguiu dizendo:

"Por nada pela consideração. Mas eu estou falando sério, tipo lá só vai morar eu e minha mãe, então você pode ir a hora que você quiser, tipo pode ir mesmo. Principalmente tentar a vida lá, ai é bom que serão duas pessoas aventurando"

O coração já pegara fogo de tão quente (o palácio tremia de tanta algazarra). Porém, como a vida não é simples e ela não esta nem ai para você e nem para seus convites inesperados, eu tinha mais outro empecilho, esse imutável, chamado "serviço militar obrigatório" que também me impedia de sair da cidade e que sem o comprovante que derivava desse eu não poderia cursar a universidade que tanto almejava, o que constituía uma verdadeira corrente de malditos empecilhos que me prendiam e impediam que eu fizesse o que o coração queria. Todavia, Paris tentou solucionar essa questão também:

"Eu ainda acho, assim, que você deveria servir em outra cidade, se você pudesse cancelar o seu alistamento aqui na cidade e tentar na capital seria bem melhor, bem melhor, bem melhor. Pense ai, eu tenho diversos amigos que se alistaram na capital que hoje em dia estão vivendo bem, ganhando bem e têm uma vida estável por conta disso, aqui na cidade você não vai ganhar nada" Ela não poderia estar mais certa, tudo isso era verdade, mas essa opção não existia mais, a data do início no Tiro de Guerra já estava marcada, ou eu ia, ou eu ia. Com efeito, expliquei todos os motivos/porquês e recusei o convite. Fato é, que agora está descrito ai o tal ponto de Inflexão que vivi, pois, a depender da decisão que tomasse, minha vida mudaria drasticamente de caminho, ou para um caminho melhor que o de agora, ou um pior que o de agora. Se eu tivesse de apostar… não, melhor não, não farei conjecturas sobre o que poderia ter acontecido. (Deixo essa tarefa para tu, leitor, caso engajado o suficiente, esse é um bom início de história, fica ai a ideia) Mas, quem sabe em outra linha do tempo, ou em outra realidade, uma variante de Danilo aceitou o convite, ele sim sabe o que aconteceu, já eu, nunca saberei.

Vácuos e não-respostas

Assim como os magistrados são escravos das leis, eu, enquanto escrevo memórias, sou escravo dos fatos, por mais desagradáveis que venham a ser, devo respeitá-los. De certo, as interações com Paris nem sempre foram risos, flores, conjecturas e filosofias. Não digo que houve brigas, pois não houve, mas digo que houve momentos desagradáveis, não pelo conteúdo do que se foi dito, mas sim pela forma com que foi dito, ou muito pior, com o que *não* foi dito.

Ela já estava a morar na capital. Se o leitor for atento as datas, percebera que a narrativa se encontra atravessando a pandemia do Covid-19. Ou seja, o mundo parou, não teve faculdade, não teve serviço militar, não teve trabalho, não teve nada. Era uma situação difícil, não havia perspectiva do término do isolamento, todo mundo ficou psicologicamente abalado, uns mais do que outros, eu, por exemplo, me achava um completo inútil, pois a minha vida estava verdadeiramente parada, o tempo passava e eu na mesma situação, sendo que já poderia estar mais avançado na faculdade e com uma reserva monetária considerável, a despeito disso, usei o tempo livre para escrever, ler, esculpir e pintar, desenvolver meus hobbies. Verdadeiramente, Paris também foi afetada pela situação, ainda mais porque fez-se uma bola de neve, pois se juntaram problemas familiares com a pandemia. Eu fiz o meu papel de amigo e estive presente a todo momento a pesar da distância, por meio da internet. Eu a ajudei sempre que pude, quando via alguma oportunidade de estudo eu compartilhava com ela, fiz o seu currículo, ajudei o irmão a ficar com uma vaga onde eu estagiava, pequenos grandes favores, as vezes quando ela estava triste, eu fazia questão de ouvir e tentar entender os seus desabafos, pois sabia que a mera atença recebida nesses momentos podem ser decisivos, até porque ela era o tipo de pessoa que você chega a ficar apreensivo com medo de que faça alguma loucura.

Contudo, como disse no início, houve momentos desagradáveis; Observe; ao se mandar uma mensagem o natural é se receber uma resposta, mesmo que essa seja um "não posso falar agora" "estou ocupado" ou um xingamento. Concorda comigo? Isso é senso comum, as leis não escritas dizem isso. Mas se tratando de Paris isso não acontecia, pensei até em ser astronauta porque os chamados vácuos eram constantes.

Eu sei que a vida no século XXI é extremamente corrida e que não se pode perder tempo, todavia, eu também sei, que se eu não posso falar no momento, eu devo, ou na hora, ou depois, pelo menos dizer que não podia, ou não queria falar, sem problemas. Pois bem, o *modus operandi* de Paris era simplesmente não fazer nem uma coisa nem outra, abertamente só fingia que eu se quer mandei mensagem alguma, era como se eu ficasse invisível, em adição, quando voltava a perceber a minha existência simplesmente enveredava sobre outros assuntos e aquilo que eu disse acabava por cair num limbo de insignificância, isso ocorreu uma vez, duas vezes, três vezes, quaro vezes, cinco vezes… até que perdi a conta, teve tempo em que enviei mensagens de áudio que se quer foram visualizadas, quem dirá ouvidas, eu praticamente falava com a parede nesses casos.

Pode apostar que sim eu comentei sobre isso com ela, mas nada mudou, o *modus operandi* permaneceu inabalado, mesmo ela prometendo que dessa vez falaria sobre absolutamente tudo comigo, o que, obvio, não aconteceu.

Não sei se para o leitor isso é algo relevante, mas para mim, com certeza é, digo mais, o problema não é não me responder, ora bolas, quem sou? Um mero amigo, nada de mais. Mas a minha chateação era o fato de ser feito de invisível, que me dissesse qualquer coisa, assim como meus amigos fazem, me chame de idiota, diga que não quer falar comigo, faça brincadeira com o fato de ter me deixado no vácuo, aceito tudo, até porque amizade não se define por isso. Devo pontuar, que

assim como um copo furado em um primeiro momento não aparenta perder liquido, mas com o passar do tempo e o buraco sem ser tapado, o copo se esvazia eté a última goda ser perdida. Era assim com os vácuos e a amizade de Paris.

O tempo passou e ela felizmente encontrou um trabalho, fiquei muito feliz por ela, isso era um sinal de que a vida estava voltando aos eixos, pelo menos em um aspecto. (mas ela ainda estava com o Gado, a despeito de ele não ter ido junto, era um RAD agora). Lembra, querido leitor, do convite que ela fizera para mim? Pois, no decorrer desse ano e em parte do seguinte eu tentei diversas vezes marcar para ir fazer uma visita à Paris, mas sempre se encontravam poréns, e nunca que acontecia, poréns vindos dela, para mim qualquer dia era o dia perfeito, não tinha tempo ruim, mas para ela nunca daria certo.

E no decorrer desse mesmo período, ela também prometia me encontrar sempre que voltava à cidade, mas, mais uma vez, se encontravam trezentos poréns por parte dela que inviabilizavam qualquer forma de nos encontrar pessoalmente, algumas vezes desmarcando em cima da hora, ou simplesmente, seguindo o *modus operandi* corriqueiro, vindo a responder-me só no dia seguinte ou dois dias depois de já ter chegado na cidade e ido embora. Triste não? Eu sei, e o pior é que não há justificativa, eu não fiz nada de anormal que justificasse esse afastamento repentino. Mistérios.

Disse Novamente

Acho que essa passagem deveria estar antes da anterior, “Vácuos e Não resposta”, pois a ordem de acontecimento foi essa, mas cuida para entender a ordem correta, este veio antes daquele.

Lembras que falei para continuar lendo que chegarias a parte onde disse-lhe que disse novamente a Paris que queria mais que amizade? Pois chegou nela. (ninguém poderá me acusar de esconder sentimentos, e isso é um fato). Disse-lhe eu, novamente pela internet:

"Eu venho procurando o momento correto, o momento propício para se dizer isso, mas eu creio que nunca vai chegar, então, não há melhor hora do que o agora; desde o início quando a gente se conheceu no colégio, teve aquela etapa de a gente se falar um pouquinho, mas no final vimos que não daria certo... tipo assim, eu quero deixar claro que minhas intenções com você são mais que de apenas amigo e que isso seja claro pra ti, para que você, ai sim possa julgar o quê que você vai fazer com essa informação. E deixar claro também que, se é que isso já não ficou, mas, sou contra, totalmente contra, sabe o Papa ser contra ateu? É tipo eu ser contra você e a persona que está junto contigo. Entende? Por vários motivos. Se você quiser que eu liste, é só pedir que eu listo. Mas, enfim, era isso que eu queria dizer. Não sei se fui claro, mas é isso, ai você vê o que é que você vai fazer com essa informação. Se você quiser absorvê-la você absolve, se você quiser jogar fora, pode joga, mas, a única coisa que eu espero é compreensão e que entenda o meu lado de não querer deixar coisas entre abertas, como já cometi esse erro no passado e não quero cometer de novo. Então é por isso que já estou falando. Entende? Na verdade, já deveria ter falado muito antes, mas agora, se eu não falasse agora, eu nunca falaria, poque o momento correto nunca chegaria. Então é isso"

Não tenho o que comentar sobre minha fala, o leitor já me conheces bem a essas alturas, e ela já diz tudo por si só. Paris, por sua vez, respondeu-me assim: *"Olha. Não sei se já esperava isso, realmente não sei. (risos contidos). Contudo, eu entendo totalmente o seu lado. Você já havia dado indícios em uma de nossas*

conversas. Não sei se você recorda… Aquela vez a qual conversamos ate tarde na mesinha da escola, você tinha me falado indiretamente. Não posso dizer que nunca pensei nessa possibilidade de ficarmos juntos, estaria mentindo. Entretanto, há todo um processo muito complicado! E você sabe. Então, não sei o que ti falar. Isso não vai interferir na nossa amizade poque lhe amo de paixão, você é um cara incrível e com um 'eu do mal' ao qual eu admiro muito. E não posso ter nada com você, porque moro longe, e ainda não resolvi nada com o Gado, então não vou ti dar falsas esperanças. Mas espero que você me entenda.

Não sei se consegui me expressar da forma certa ou a qual eu queria. Mas você vai entender.

Não que eu e você não possa acontecer! Pelo contrário. Mas há todo um processo que complica agora. Entende?"

Eu disse-lhe que distância não era problema e que questões complicadas existem para pessoas inteligentes solucioná-las, referindo-se a nós. Toda via, continuamos do mesmo jeito que estávamos, ainda amigos. (Leitor, se algum dia estiver no impasse sobre revelar ou não seus sentimentos, escolha revelar, porque é melhor ter a certeza que tentou e fez o que pode para dar certo, do que o remorso de não ter revelado por medo dos resultados. Se a vida estiver blefando, você só saberá se jogar contra ela. Pense nisso).

Início do Fim?

Após os vácuos e as não-respostas, fora as promessas não cumpridas, a monotonia tomou conta de nossa amizade, não se tinha mais diálogos longos, nem conjecturas, nem planos de viagem, nem nada de realmente empolgante de ambas as partes, ate porque você há de convir que sem interesse não há novidade que dê

vontade de compartilhar, ainda mais quando você pode simplesmente ser totalmente ignorado sem nem um pingo de consideração. Com efeito, nossa amizade se enfraqueceu. (P. S. Por outro lado o Gado parecera que conquistara mais espaço, estavam mais próximos, creio que a crise passou).

Eu sou uma pessoa relativamente organizada, tento colocar na agenda o que considero importante para mim, desde de datas de provas, passando por lançamentos de filmes que gosto a datas de aniversários de amigos, e uma dessas datas era o aniversário de Paris, digo também que no aniversário anterior a esse, eu dei-lhe um presente, uma Constituição, queria despertar-lhe ou aguçar o desejo pelo curso de Direito também, (vai quê?). Entretanto, como o encontro pessoalmente jamais aconteceu, eu não pude entregar-lhe tal livro, ele permaneceu na minha estante, mas a posse é dela, basta ela buscar.

Não obstante, chegou a data do meu aniversário, que é antes do dela, mas como o leitor já deve estar prevendo por conta do andar da carruagem, ela não me parabenizou, (eu sinceramente não ligo a mínima para aniversários, por mim eu parava até de contar e faria questão de esquecer quantos anos tenho, mas é sabido, de modo geral, que as pessoas gostam de ser lembradas nessas datas, é como se fosse um pedágio natural para uma convivência, no mínimo uma vez por ano você lembrar daquele ser, por isso eu esperei o contato dela, mas não aconteceu). Fato é, novamente o que mais me chateou não foi o esquecimento, que para uns já seria suficiente, ate porque, mais uma vez… Quem sou eu, oras? Nada mais que um mero amigo, na linha de prioridades eu estou abaixo de muita coisa, para alguns, o que era o caso de Paris. Mas sim o que veio depois, um ou três dias, deparei-me com comemorações e parabenizações públicas efusivas da parte dela para outrem, isso sim, perceber que a despeito de toda a nossa amizade para ela eu não era digno de ser

lembrado nem no meu aniversário, foi a razão da chateação.

Com efeito no mesmo dia ou no dia seguinte, fui ter com ela, acabei por comentar sobre, ai sim ela lembrou da minha data, justificou-se e parabenizou-me com algumas frases:

"Amigo, eu perdi esse negócio de datas, verdade, eu falei do aniversario de X que foi dia Y, o seu foi 3 dias antes, e eu esqueci. Mil perdões, me perdoe. E eu não me lembrei do de X não, quem me avisou foi minha mãe ai eu fui e parabenizei rapidinho. Contudo, eu ti desejo toda a felicidade do universo que você seja feliz, ti desejo muita prosperidade, dinheiro, felicidade… tudo de bom na sua vida, que essa data se repita diversas vezes, que esse ano, por mais que com a pandemia, você consiga realizar as coias que você deseja, eu ti desejo tudo de bom sempre porque eu lhe amo, mas eu esqueci a data do seu aniversario"

Senti que foram palavras verdadeiras, mas o que se passou não se apagaria automaticamente apenas com isso, ainda mais que vinha acumulando essas pequenas "distrações" que no longo do tempo acabou por constituir-se uma grande coisa para mim, lembre-se do copo furado. Veja bem, eu só queria reciprocidade, estava satisfeito com os status de amigo, apenas queria manter isso, entretanto não garanto que a recíproca fosse verdadeira como já dito.

Pausa

Nessa mesma conversa eu propôs a Paris que nos afastássemos um pouco (não me entendas mal, mas ninguém quer ou deseja o que já tem, isso em si é um problema filosófico e lógico, quase um paradoxo, pois; querer implica o fato de que você não tem o alvo do desejo, se você já o tem é logicamento impossível você o querer. Isso não é uma verdade absoluta, a discussão é exaustiva, porém eu prefiro

entender dessa forma, se quiseres discordar, fique à vontade), disse-lhe eu:

"Eu tenho percebido que você ultimamente vem se afastando de mim. Sabe? E tu deves saber como é isso. Em comparação de como era nossa amizade algum tempo atrás, hoje em dia, sinto como se eu estivesse atrapalhando, e tendo em vista que isso não parece melhorar com o tempo, pelo contrário iria ficar mais difícil… Eu vejo que estou incomodando, e uma das coisas que não gosto é ser um empecilho na vida de qualquer pessoa. Ai a gente pode, sei lá, é tipo assim; da primeira vez que a gente criou amizade, tempos depois a gente parou e se falar, ai depois voltou a se falar de novo, quem sabe parando mais uma vez e na terceira dê certo de verdade. Com a vida acertada, cada um no seu caminho seguindo para o futuro. Sabe?"

Disse sem querer dizer, mas disse, tinha de cuidar da minha saúde mental. Eu sou uma pessoa deveras pensativa, e toda essa situação me tirava a paz, perdia muito tempo pensando sobre (uma característica minha, mas seja como for devemos ter o mínimo de amor-próprio as vezes, porque no mundo é você contra você), tudo isso sugava a minha concentração quando eu mais precisava dela. Por isso decidi propor tal coisa. Ela, eu seu turno, argumentou o que achava:

"Realmente, não vou mentir, eu tinha percebido isso; Danilo está se afastando de mim porque eu estou demorando muito de responder, as vezes ele me manda coisas importantes, fala coisas que são realmente importantes e eu acabo não respondendo, não visualizando, ai não tem como a pessoa manter contato com gente assim. Realmente eu assumo meu erro, Danilo, vou fazer o possível para mudar, assim que eu tiver um celular (Paris perdera a posse do celular, entretanto, ela ainda tinha meios de contatar-me)".

Prosseguiu com a fala:

"Brincadeiras a parte, eu sei que eu ando ocupada e tal, cansada as vezes,

mas nada justifica parar de responder as pessoas, mas espero que eu melhore, né amigo. Me perdoe por isso, porque realmente eu tenho um carinho muito grande por você, eu não sei explicar, sabe, uma conexão diferente, eu digo sempre; de todas as pessoas que eu converso, eu não tenho a mesma coisa que é como conversar com você. Sabe? Com você é diferente"

Apos, prosseguiu novamente, mas dessa vez sendo mais assertiva: *"Não, esqueça isso, nada de parar, nada de parar, não tem pausa em amizade, vamos continuar com a amizade sempre, sempre e sempre e nada de pausa, tipo parar, ficar um tempo sem se falar e depois se reencontra novamente, não, assim as coisas nunca serão as mesmas. Contudo, meu amor, continue falando comigo, eu farei o possível, para melhorar como pessoa. Danilo, eu sou muito, muito egoísta, meu Deus... O meu 'eu ruim'* (riu-se) *floresceu bastante morando sozinha"*.

Obsequiai-a, disse que não a achava egoísta, ate porque o egoísta geralmente não sabe que é egoísta, para esse tipo de pessoa, na cabeça delas, o mundo de fato gira ao seu redor e o sol só nasce para a tal. O que nitidamente não era o caso, ela poderia ter atitudes egoístas (como qualquer um, inclusive eu), mas ela não era egoísta em sentido estrito. Paris fez uma contraproposta:

"Vamos fazer assim: eu vou falar agora de tudo, qualquer assunto aleatório, como eu sempre falo né, porque eu sou assim. Qualquer assunto aleatório eu vou e jogo aqui... 'Danilo, aconteceu isso e isso', ai nunca perderemos o contato e sempre teremos assunto, ate o momento que você se irritar com minha cara e me mandar para a p... q... p... . Contudo, será você né, então eu não ligo"

Eu jamais me irritaria por tal motivo, muito pelo contrário. A contra argumentação foi convincente, concordei com o que ela disse.

Resultado

Com efeito, o acordo se manteve durante alguns dias, mas logo lamentavelmente perdeu a validade, voltaram os fantasmas dos vácuos e não respostas a me assombrar. Mas continuei a tentar.

Em meados de 2021 no dia 19, Paris dissera novamente que viria a cidade no final de semana e que tentaria me ver, eu, tendo em vista as outras vezes, disse-lhe que o histórico passado me fazia abaixar as expectativas. A valer, passou o dia 20, 21, 22, 23 (eu mandei mensagem, nem sequer foi visualizada, falei com a parede), 24, 25, 26, 27, 28 e 29, nesse último eu tomei a decisão; bloquei-a em todas as redes sociais, ou seja, me tornei invisível para ela na internet, sem contato (você poderia me indagar que seria caso de se tratar de problemas técnicos ou pessoais, entretanto, mais tarde eu tive ciência de que tudo correra bem e ela de fato esteve na cidade naquele tempo, quando eu digo bem, é muito bem mesmo, aquela coisa de eu ser importante e tal, não era para se levar a sério pelo jeito).

Como dito anteriormente, deve-se ter um mínimo que seja de amor-próprio nessa vida, e esse último acontecimento era, para mim, o cúmulo do compreensível, eu preferiria receber uma mensagem dizendo: *"não quero encontrar-me com você seu imbecil idiota cara de mamão"* do que não receber nenhuma, ora. Minha madrinha antigamente me dizia uma frase que nunca entendi direito "Você é um homem ou um saco de batata", agora eu compreendo perfeitamente, e digo mais, não sejam sacos de batatas, reajam à vida, não deixem que ela tome as rédeas de si própria, mas sim que você tome as rédeas dela, reaja, tenha sangue. Eu não queria muito, eu só queria consideração mútua. E caso a vida virar as costas para você por conta disso, aproveite, passe a mão na bunda dela.

Final

Essa memória poderia ser uma história diferente, assim como as de Bento e Capitu, ou Virgília e Braz Cubas ou até a de Gatsby e Daisy, entretanto, para isso é necessário vontade mútua, o que não se tinha. É por isso que findou por ser uma história de amigos que se afastam. Não obstante, no que depender de mim, nada foi esquecido ou mudado, a amizade que tinha com Paris permanece intacta no meu coração, pronta para florescer novamente, apenas aguardando o inverno das incertezas passarem em nossas vidas, porque eu sei que as circunstâncias da vida, são as grandes responsáveis pelo que aconteceu e principalmente pelo que não aconteceu.

Por fim, guardarei sempre na memória a conversa do pátio, porque ali o universo se resumia aos bancos, a mesa e a nós dois.

Escrito em Agosto de 2021

Por: Danilo Almeida de Andrade

Dê-me o seu feedback por favor, Email: Jus.daniloaa@gmail.com